

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
O CINEMA ITALIANO, LADO B  
13 E 15 DE JULHO DE 2021

# TOTÒ E LE DONNE / 1952

*Totó Entre Mulheres*

*Um filme de Steno e Monicelli*

**Realização:** Steno e Mario Monicelli/ **Argumento:** Steno, Mario Monicelli, Age e Scarpelli/ **Fotografia:** Tonino Delli Colli/ **Montagem:** Gisa Radicchi/ **Música:** Carlo Rustichelli/ **Intérpretes:** Totò (António Scaparro), Lea Padovani (Ginetta), Franca Faldini (a senhora do encontro), Ave Ninchi (Giovanna Scaparro), Peppino De Filippo (o doutor Desideri), Giovanna Pala (Mirella Scaparra), Clelia Matania (a empregada), Alda Mangini, Primarosa Battistella, Teresa Pellati, Mario Castellani.

**Produção:** Variety Film/ **Cópia:** 35mm, preto e branco, versão original legendada electronicamente em português/ **Duração:** 96 minutos/ **Estreia em Portugal:** cinema Alvalade, em 7 de Dezembro de 1954.

\*\*\*\*\*

**NOTA:** A cópia apresenta algumas deficiências na banda sonora: desnivelamentos e ruído de fundo

\*\*\*\*\*

Na nota sobre este filme, René Marx, no seu livro sobre Totó, afirma que **Totò e le Donne** é um «monumento de misoginia onde Totó substituiu o culto de San Giovanni pelo que presta a Landru». Não há, de facto, outro filme entre os trabalhos cinematográficos de Totó em que as relações de homem e mulher sejam apresentadas de forma tão cínica. A relação de António Scaparro (Totó) com a sua mulher Giovanna (Ave Ninchi) remete-nos para esses outros monumentos de misoginia que são as relações de Laurel e Hardy com as respectivas consortes, quando é caso disso nos filmes desta da genial dupla. O começo do filme recorda, aliás, aquelas e outras comédias do período clássico americano (e podíamos, neste caso, lembrar, inclusive, Howard Hawks). António revela-se, desde logo, um verdadeiro fantoche nas mãos da mulher, submetido a todas as suas ordens e só mostrando má cara quando a apanha de costas ou às escondidas. Ainda por cima, tem o mau hábito de lhe estragar os pequenos prazeres como a leitura dos seus queridos livros policiais, revelando-lhe, logo ao começo, quem é o assassino. Um aviso obriga-o, logo à entrada, a calçar os chinelos para não riscar o soalho, e a não lançar a cinza do cigarro para o chão. Vai deslizando, portanto, pelo chão enquanto numa mão leva um cinzeiro improvisado com papel, enquanto ouve, com um ar de Job compungido, a mulher.

Mas este homem dominado pela matrona sua cara-metade, tem um pequeno recanto de «paraíso». Quando a apanha a dormir, sai sorrateiramente da cama e sobe a escada que o conduz ao sótão, que se apresenta como um verdadeiro quarto de solteiro. Aí pode fumar à vontade (e lançar as beatas para o chão), ler sossegado o seu livro e, inclusive, apreciar o panorama nocturno da rua e vizinhança. E é aí que presta homenagem ao seu

«santo» patrono, em fotografia dentro de um pequeno armário: Landru. É aí também que, um dia, surpreende alguém a entrar sorrateiramente e que é, nem mais nem menos, do que o doutor Desideri (Peppino De Filippo), apaixonado pela sua filha Ginetta (Lea Padovani) e que vem a um encontro amoroso. Nem de propósito. António vai fazer de Desideri o ouvinte atento das suas opiniões sobre o sexo feminino e, especialmente, sobre o casamento, e sobre o que o espera no futuro. Palestra ilustrada com exemplos (para o espectador, cenas de aventuras e desventuras de António, procurando qualquer forma de escape e de romance, fora do lar: a irresistível cena galante do café, com o objecto do seu interesse de costas, coloca-o ao lado da sua companheira Franca Faldini, com quem casaria dois anos depois).

**Totò e le Donne** é, também, um dos filmes mais originais de Totó. Isto na forma como a história é exposta, que recorre a uma espécie de fórmula teatral. Quase toda a acção decorre no interior do quarto-refúgio de António. Dele sai-se apenas para a ilustração da exposição do nosso herói ao candidato a genro, e em cenas de transição: o começo, antes de lá sermos conduzidos, no final, para a «fatídica» cena do casamento e alguns intermédios no interior da casa que servem, alguns, para porem em relevo outra personagem cômica, a criada, verdadeiro desastre no que se refere a telefonemas. Mas a verdadeira ligação teatral é-nos dada pela narrativa de António, que é feita, praticamente, toda dirigida ao público, estabelecendo uma certa cumplicidade (em vez do chamado «distanciamento» brechtiano que utiliza métodos semelhantes) entre a personagem e o público, que se apoia também na «misoginia» e «machismo» do público a que se dirige. Uma vez por outra, nos seus filmes, Totó dirige-se directamente aos espectadores, ou numa piscadela de olho cúmplice, ou então claramente teatral, como no final de **Miséria e Nobilità** em que tanto ele como os restantes intérpretes vêm à boca de cena, com o cenário transformado em palco, fazer uma vénia aos espectadores. Em **Totò e le Donne** a relação é mais directa e a cumplicidade maior, o que talvez explique que o filme tenha sido um dos seus maiores sucessos em Itália, com mais de quatro milhões de espectadores.

Destaque-se ainda que **Totò e le Donne** marca o encontro (no cinema) de Totó com Peppino De Filippo, irmão de Eduardo De Filippo, começo de uma prolífica e divertida união ao longo de cerca de 15 filmes.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico